

*Sacerdotisas voduns e rainhas do Rosário: mulheres africanas e Inquisição em Minas Gerais (século XVIII)*

Organização e posfácio: Aldair Rodrigues e Moacir Maia

15cm × 21cm — 192 páginas — 260g

Livro: ISBN 978-65-80341-12-2 — R\$ 59,00

E-book: ISBN 978-65-80341-16-0 — R\$ 32,50

Lançamento do livro: 27 de março de 2023

*Os livros da Chão Editora são distribuídos com exclusividade pela Editora 34*

*Sacerdotisas voduns e rainhas do Rosário: mulheres africanas e Inquisição em Minas Gerais (século XVIII)* reúne transcrições de documentos inéditos sobre a vida e as crenças de mulheres africanas perseguidas no Brasil por forças militares e pela Inquisição.

Essas mulheres pertenciam a grupos étnicos que habitavam a região da África ocidental chamada pelos portugueses de Costa da Mina. Escravizadas e trazidas para o Brasil, algumas se tornaram lideranças das comunidades negras na posição de sacerdotisas voduns (vodúnsis), ao mesmo tempo que exerciam cargos de juízas e rainhas da irmandade católica de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos — a principal confraria negra mineira.

Os manuscritos dos processos contra as sacerdotisas foram localizados em Portugal no Arquivo da Torre do Tombo, entre os códices do Tribunal da Inquisição de Lisboa. O primeiro, de 1747, descreve um complexo culto em Paracatu (MG) dedicado ao “Deus da Terra de Courá”. O segundo e o terceiro referem-se a Ângela Gomes, “mestra” de práticas rituais africanas na comarca de Ouro Preto, coroada como rainha do Rosário. O quarto, datado de 1759, oferece detalhes sobre as práticas de Teresa Rodrigues e Manoel mina na comarca de Sabará.

*Sacerdotisas voduns e rainhas do Rosário* inclui também papéis preservados nos arquivos históricos de Minas Gerais. Embora registrados por agentes do Império português, os depoimentos reproduzidos nos processos desvelam a multiplicidade de vozes e das trajetórias de vida das mulheres africanas, evidenciando a ideologia e a violência do racismo religioso.

#### Sobre os organizadores

Aldair Rodrigues é mestre e doutor em história pela Universidade de São Paulo. É autor de *Limpos de sangue e Igreja e Inquisição no Brasil*, e coorganizador, junto com Juliana Farias e Ivana Stolze, de *A*

■

*Diáspora Mina: africanos entre o Brasil e o Golfo do Benim*. Foi diretor do Arquivo Edgard Leuenroth e é professor do Departamento de História da Unicamp desde 2016.

Moacir Maia é doutor em história social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordena projetos de preservação, digitalização e universalização de fontes históricas no Brasil e no exterior. Em 2019, foi vencedor do Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa. É autor do livro *De reino traficante a povo traficado: a diáspora dos courás do Golfo do Benim para Minas Gerais (América Portuguesa, 1715-1760)*. É pesquisador associado ao Núcleo de Pesquisa em História Econômica e Demográfica do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais.

#### Trecho

*E lhe respondi se havia algum herege nesta freguesia e me disse que a dita Ângela era feiticeira; e que tinha feito muitos danos nesta freguesia por meio de malefícios e que a mandasse chamar e a repreendesse asperamente. [...] Há cinco anos tenho feito observação no modo de viver desta mulher e acho que todas as noites das terças e sextas-feiras, de cada semana, depois da meia-noite, na casa da dita ouço uns calundus do inferno, estranhos e horrendos, que muitas vezes fazem tremer as casas em que vivo. E, em uma noite de julho do ano de cinquenta e nove, fez tais diabruras, que me privou do sono daquela noite [...]. E eu lhe disse que era feiticeira, que eu tinha ouvido tudo [...].*

#### Informações para imprensa:

Gabriela Toledo  
(11 98227-0770 / obaramail@gmail.com)

#### Informações para professor:

Mariana Mendes  
professor@chaoeditora.com.br